Biblioterapia: uma análise histórica do protagonismo bibliotecário na prática biblioterapêutica

Márcio Felipe Alves Batista
marciofelipebatista@gmail.com

Juliana Lobato Seabra
juliana.seabra@unesp.br

Recebido em: 11/05/2026
Aceito em: 14/09/2026

Resumo

O objetivo geral desta pesquisa é analisar as origens da biblioterapia, desde seu surgimento até sua consolidação como prática terapêutica, destacando a relevância do bibliotecário como agente social. Dessa forma, os objetivos específicos buscam compreender o crescimento e a importância histórica da biblioterapia para a atuação do bibliotecário, evidenciando também o papel desse profissional como biblioterapeuta. A metodologia aplicada a este estudo, caracteriza-se como qualitativa, de natureza exploratória, descritiva e documental, voltada ao estudo da evolução da biblioterapia ao longo dos séculos. Dessa maneira, os resultados evidenciam que a atuação do bibliotecário sempre esteve presente e foi fundamental para o desenvolvimento da prática biblioterapêutica, desde a Antiguidade até a contemporaneidade. Observa-se que, com o fortalecimento da biblioterapia ao longo dos anos, o profissional da biblioteconomia passou a ocupar uma posição de maior destaque e liderança nesse campo. Conclui-se, portanto, que a biblioterapia mantém uma relação histórica e inseparável com a biblioteconomia, evidenciando a importância do bibliotecário como mediador da leitura e agente de promoção do bem-estar, do desenvolvimento humano e da transformação social.

Palavras-chave: Bibliotecário; biblioterapia; biblioterapeuta.

Bibliotherapy: A Historical Analysis of the Librarian's Role in Bibliotherapeutic Practice

Abstract

The overall objective of this study is to analyze the origins of bibliotherapy, from its emergence to its establishment as a therapeutic practice, highlighting the importance of the librarian as a social agent. Thus, the specific objectives aim to understand the growth and historical significance of bibliotherapy for the librarian's practice, while also highlighting the role of this professional as a bibliotherapist. The methodology applied to this study is characterized as qualitative, exploratory, descriptive, and documentary in nature, focused on studying the evolution of bibliotherapy over the centuries. Thus, the results show that the librarian's role has always been present and was fundamental to the development of bibliotherapeutic practice, from antiquity to the present day. It is observed that, with the strengthening of bibliotherapy over the years, the library science professional has come to occupy a more prominent and leadership position in this field. It is therefore concluded that bibliotherapy maintains a historical and inseparable relationship with library science, highlighting the importance of the librarian as a mediator of reading and an

agent for promoting well-being, human development, and social transformation.

Keywords: *Librarian; library science; bibliotherapy; bibliotherapist.*

1 INTRODUÇÃO

Sendo uma prática bastante antiga, a biblioterapia, termo originado das palavras gregas *biblion* (livro) e *therapeuticaorum* (tratamento) tem seu significado fortemente associado ao uso da leitura como ferramenta terapêutica. Entretanto, embora esteja diretamente vinculada à prática da leitura, Caldin (2010) ressalta que a biblioterapia, atualmente é dividida em biblioterapia de desenvolvimento, geralmente realizada por bibliotecários(as) e biblioterapia clínica, mediada por profissionais da saúde, exige, em ambas as modalidades, estudo e planejamento adequados para sua aplicação. Segundo a autora, devido à sua complexidade, o processo terapêutico vai muito além do simples ato de ler. Há um importante trabalho de análise após a realização das rodas de leitura, no qual devem ser consideradas as percepções e interpretações dos participantes do programa. Em outras palavras, não basta apenas ler ou narrar textos: a biblioterapia busca promover trocas de experiências e diálogos significativos, respeitando, ao mesmo tempo, as individualidades de cada participante.

Pinto (2005) observa que a consolidação da biblioterapia como campo de pesquisa ocorreu de forma tardia, demorando ainda mais para se integrar à biblioteconomia. Essa demora gerou alguns inconvenientes, sobretudo no que se refere à atuação dos bibliotecários, uma vez que grande parte dos primeiros pesquisadores da área não possuía formação em biblioteconomia. Assim, muitas pesquisas tratavam a relação entre biblioteconomia e biblioterapia apenas como um aspecto secundário, e não como tema central das obras. Ferreira (2003) destaca que foi a partir da década de 1930 que a biblioterapia passou por uma evolução mais significativa, ampliando gradativamente seu reconhecimento como prática terapêutica e aproximando-se da biblioteconomia.

Dessa forma, o objetivo geral deste estudo é analisar as origens da biblioterapia, desde seu surgimento até sua consolidação como prática terapêutica, destacando a inserção e a relevância da biblioteconomia nesse contexto. Como objetivos específicos, busca-se explanar o crescimento e a importância histórica da prática para o profissional bibliotecário, evidenciando também o papel desse profissional como biblioterapeuta.

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza exploratória, descritiva e documental. Inicialmente, realizou-se o levantamento de documentos publicados por autores relevantes da área, utilizando também as referências presentes nessas obras, com o objetivo de ampliar o escopo do estudo. Posteriormente, a busca foi expandida para artigos científicos recuperados por meio de ferramentas como o Portal de Periódicos da Capes, o *Google* Acadêmico, a BRAPCI e repositórios institucionais de instituições públicas brasileiras. Quanto à estrutura do trabalho, primeiramente será apresentado um histórico da biblioterapia, abordando sua origem, práticas e fundamentos, sem deixar de destacar a importância da leitura para o êxito dessa prática. Em seguida, será detalhada a origem da função bibliotecária, enfatizando a percepção social acerca dessa profissão e sua evolução ao longo do tempo. Por fim, será apresentada uma síntese desses dois eixos temáticos, resultando na contextualização histórica da figura do bibliotecário como biblioterapeuta.

2 ORIGEM DA BIBLIOTERAPIA

Etimologicamente, o termo biblioterapia significa “terapia por meio dos livros”. Entretanto, essa prática não é recente no campo terapêutico. Desde a Antiguidade, civilizações como a egípcia e a grega acreditavam que a leitura possuía efeitos benéficos

(cc) BY-NC

capazes de aliviar enfermidades e promover o bem-estar. Entre os romanos, também havia a crença de que a leitura de orações poderia contribuir para a melhoria da saúde mental dos pacientes. Devido a este valor, as bibliotecas eram consideradas um repositório de remédio para o espírito, tendo a utilização de seus principais materiais, ou seja, os livros, indiretamente para fins terapêuticos (Ferraz, 2018; Caldin, 2010; Leite, 1996). Martins (1998) ressalta que as bibliotecas do Egito foram as mais importantes entre as bibliotecas da alta Antiguidade. O historiador grego Diodoro de Sicília conta que Ozymandias, sucessor de Proteu e contemporâneo de Príamo, rei de Tróia, fundou a primeira biblioteca em Tebas, no Egito. Na sua entrada lia-se a inscrição 'O Tesouro dos Remédios da Alma', solicitada diretamente pelo príncipe. (Ferraz Apud Martins, 1998, p. 74).

Explanando com mais profundidade as raízes da utilização da leitura como recurso terapêutico, Ferraz (2018, p. 23) comenta que no Egito antigo, o Faraó Ramsés II colocou na fachada de sua biblioteca, a inscrição "Remédios para Alma''. Na Idade Média, havia a inscrição na biblioteca de Abadia de São Gall "Tesouro dos remédios da Alma'' e na Grécia, os gregos concebiam suas bibliotecas como ''Medicina da Alma''.

Enquanto na Grécia Antiga e na Índia a leitura individual era recomendada como parte do tratamento médico, Tews (1962) ressalta a sempre presente associação entre a leitura e a medicina durante o primeiro século. Pereira (1996) ressalta a importância de Aulus Cornelius Celsus entre os romanos deste mesmo século, sendo um dos maiores escritores medicinais da época, Celsus se destacava pelas palavras de incentivo ao uso da leitura e a discussão dos grandes oradores como forma terapêutica.

Tomando como exemplo Pinel na França, Chiarugi na Itália e Tuke na Inglaterra, ao final do século XVII era possível observar muitas instituições humanitárias utilizando a leitura como lazer, porém já visando aquele momento de recreação como melhoria direta para tratamento de enfermos. Já no século XIX, o pesquisador estadunidense Benjamin Rush, em 1802 recomendou a leitura para doentes, enquanto que, oito anos depois voltou a indicar a biblioterapia, desta vez como forma de apoio à psicoterapia, que por conseguinte soma a este conjunto de práticas terapêuticas que visa o bem-estar do paciente (Ferraz, 2018; Jung, 2013; Pereira, 1996).

Em uma conferência sobre construção e administração de hospitais realizada em 1802, Rush afirmou que uma biblioteca sempre deve fazer parte do mobiliário de um hospital. Visando o divertimento e a instrução dos pacientes, em geral, o acervo deste local deve ter bastantes histórias com enredos de viagem, porque eram considerados extremamente divertidos, reagindo assim, positivamente entre os pacientes que se recuperavam de um adoecimento mais leve, assim como os confinados por doenças crônicas (Pereira, 1996).

Apesar de haver muitas discussões acerca da origem do termo hoje empregado, Pinto (2005) comenta que a literatura exibe que seu surgimento se deu por volta de 1916, tendo sido empregado por Samuel Mc Crothers, em um artigo publicado no *Atlantic Monthy*. Pereira (1996) afirma que no início do mesmo século, mais especificamente entre 1802 e 1853, as primeiras experiências em biblioterapia foram realizadas por médicos (as) estadunidenses, os quais indicavam que uma das melhores receitas para seus pacientes hospitalizados era a leitura de livros cuidadosamente selecionados e adaptados a suas necessidades especiais.

Ainda no começo do século XIX, as práticas que envolviam a junção de leitura e terapia se espalharam pela América, mudando muito o conceito acadêmico que envolvia a biblioterapia. A partir desse momento, com o desenvolvimento do conhecimento, a biblioterapia adquiriu mais amplitude, se tornando profissionalizada e especializada. Pereira (1996) complementa, alegando as informações no que diz respeito ao crescimento da biblioterapia acerca da primeira guerra mundial, quando os bibliotecários

(cc) BY-NC

da cruz vermelha ajudaram a construir rapidamente bibliotecas nos hospitais do exército.

Desde essa época, o Bureau dos Veteranos dos Estados Unidos teve um grande papel na biblioterapia. Apesar da longa origem e consequentemente ter muito o que se abordar, Pereira (1996) ressalta que a ausência de um embasamento científico onde se detalhasse a estrutura e foco da biblioterapia fez com que a prática tardasse a ser enxergada como potencial de pesquisa. Isto começou a mudar na década de 1930, onde lentamente começou a ocorrer uma consolidação da biblioterapia como área da pesquisa. Os grandes responsáveis pelo feito foram as biblioterapeutas Isabel Du Boir e Emma Foreman. Ferraz (2018) comenta sobre a pesquisadora Ilse Bry, que publicou em 1942 o trabalho "Aspectos médicos da literatura: um esboço bibliográfico", no qual focava três aspectos: aplicação médica da literatura, análises médicas da literatura e estudos das respostas à literatura. Nas décadas de 1940 e 1950, começaram a surgir os primeiros ph.D. e artigos publicados sobre a biblioterapia, um desses é a tese de doutorado de Caroline Shodes, publicada em 1949 e intitulada: *Bibliotherapy: A Theoretical and Clinical-experimental Study*, agora considerado o primeiro grande esforço de um pesquisador, que através de sua perspectiva própria, tentava a colocar o assunto em evidência no meio acadêmico (Ferreira, 2003).

2.1 LEITURA E TERAPIA

No início, quando o papel da terapia por livros estava avançava, a prática ainda era muito restrita, principalmente a hospitais onde se tratavam doentes mentais. Porém, quando a prática ganhou corpo acadêmico e começou a crescer no meio terapêutico, houve, gradativamente, a ampliação do local de prática, logo se estendendo a creches, escolas, orfanatos, prisões, casas de repouso, asilos e centro comunitários. Desta forma, além de se auto disseminar como prática terapêutica, a biblioterapia passou a ser uma atividade diversificada e realizável a qualquer idade e gênero, consequentemente, aplicando-se a qualquer tipo de enfermidade, desde os mínimos problemas pessoais aos mais críticos (Caldin, 2010).

Assim como a terapia, a leitura sempre foi uma atividade presente na construção da pessoa como ser humano. Robert (1984) ressalta o uso dos livros como transmissores de vida, destacando o uso de bibliografias. Utilizando a Bíblia como exemplo, o autor comenta que durante a Antiguidade ela era usada como instrumento para ensinar jovens sobre a vida, tendo uma utilidade diretamente ligada ao tratamento. Como suas páginas eram utilizadas em busca de conforto para o que viessem a passar, acabava ocorrendo uma espécie de biblioterapia pessoal entre seus leitores.

Facilmente confundida com leitura terapêutica, Caldin (2010) frisa que é importante entender a conceituação da biblioterapia, principalmente para a contextualizar. Ao atentar-se aos detalhes que as diferenciam, fica fácil distinguir a grande divergência entre ambas as práticas. A leitura terapêutica está ligada aos livros de auto ajuda e trabalha diretamente através deles. Não há a participação de um mediador profissional além do qual escreveu e editou seus ensinamentos em texto.

Apesar de ser possível afirmar que esta leitura pode gerar um retorno terapêutico positivo a quem lê, a biblioterapia tem uma ideia diferente, focando na prática e não apenas no instrumento. Sua essência vai além da entrega de um material individual, a fim de que seu usuário encontre solitariamente a melhor maneira de amenizar suas enfermidades. A biblioterapia é um conjunto de técnicas pensadas para um fim terapêutico, elaboradas visando um caminho a ser percorrido acompanhadamente, com início, meio e fim.

Ferraz (2018) afirma que, enquanto a leitura terapêutica tem por objetivo ser um amparo sentimental rápido e prático através de textos, a biblioterapia busca e estuda um método específico que se harmoniza em busca de seus objetivos, passando previamente

(cc) BY-NC

por uma grande seleção de coleção, para que estes materiais selecionados se casem com as características do grupo ou pessoa a quem a biblioterapia será aplicada. Ressaltando a importância da biblioterapia ao possibilitar que às pessoas vivenciem e superem seus medos, angústias, problemas, desejos e situações conflituosas, Ferraz (2018) afirma que não é o simples ato de ler que possibilita essa superação, mas sim a análise e a interpretação realizadas após a leitura, destacando-se assim o caráter modificador e transformador da prática.

Guedes e Baptista (2013) reafirmam a capacidade curativa da biblioterapia, comentando que através da leitura e de sua interpretação, as práticas biblioterapêuticas são favoráveis a todos que tem problemas a ser superados, como pode ser observado a seguir:

> Todo o processo não se resume à designação de pessoas para um momento de leitura; antes disso há planejamento e análise da realidade dos participantes para um resultado efetivo. Ao ler ou ouvir uma história devidamente selecionada, o leitor se depara com um personagem com quem pode se identificar e participar de sua experiência, distanciando-se de seus próprios problemas e, dessa forma, encontra a possibilidade de encarar seus conflitos sem medo, ansiedade ou autocrítica. (Guedes; Baptista, 2013, p. 5).

Com a grande vertente de aplicação, pode se dizer que a biblioterapia utiliza de seus instrumentos para o autoconhecimento. Ferraz (2018) afirma que o ato de ler pode ser muito mais profundo do que se espera, sendo possível criar laços e causar aproximações com o outro, evidenciando a particularidade das diferenças entre personalidades. Ou seja, quando aplicada através da terapia, a leitura dá abertura para que o nosso conhecimento pessoal se expanda além de nossas experiências vividas, nos colocando em um lugar de reflexão ao próximo, possivelmente levando este conhecimento para nossa própria jornada pessoal.

Hoje bastante abrangente ao que se fala de prevenção, o termo terapia inicialmente era ligado somente ao sentido da cura. Oukanin (1996) alega que os terapeutas, apesar de ter um primeiro sentido ligado à ''aquele que cuida'' este cuidar vai além do ''corpo-objeto''. Esses profissionais agora se preocupam com a saúde que vai além do físico, o qual chama de sopro a vida, ou simplesmente alma. De acordo com sua visão, o que caracteriza a alma é a palavra, logo, o terapeuta devolve ao homem sua vida, ou seja, a saúde.

Como foi possível observar anteriormente, a medicina e a literatura sempre foram duas características que andaram juntas no que se fala do cuidado ao ser. Ferraz (2018) destaca que, por vir de um contexto histórico multidisciplinar, a biblioterapia teve várias conceituações casuais entre os autores que escreveram sobre a prática. Porém, apesar dessa discrepância em busca de um significado em comum, há vários conceitos similares traçados entre a opinião em volta da prática. Apenas na metade dos anos 90, Ouaknin (1996), trouxe um conceito de biblioterapia, onde afirmava que a mesma era um auxílio na solução de problemas por intermédio da leitura, utilizando como ferramentas para tal leituras selecionadas como auxiliares terapêuticos em medicina e psiquiatria.

Por mais que a visão do filósofo fosse particularmente fundamentada através de sua leitura do dicionário produzido pela *Webster University* dos Estados Unidos em 1961, é importante ressaltar que seu conceito é bastante coeso, podendo até ser possível afirmar que, apesar de ser a primeira contextualização relevante para a prática, fora o mais conciso possível, como pode ser observado a seguir:

> A leitura biblioterapêutica é uma operação de disseminação que

> restitui a vida, o movimento e o tempo no coração mesmo das palavras; é assim que ela as constitui como obras de arte e as subtrai aos riscos do ídolo. Aqui, as palavras não são mais finalizadas pelo sentido, mas pelos sentidos. A leitura quebra a instância do sentido e todos os elementos do texto, as palavras, as sílabas, as consoantes, as vogais respondem e falam entre si (Ouaknin, 1996, p. 21).

Em suas pesquisas acerca do tema, Caldin (2010) estabeleceu uma contextualização definitiva da prática. Reafirmando que a biblioterapia é uma leitura dirigida com discussão em grupo, que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos: os receios, as angústias e os anseios. Dessa forma, o ser humano não está mais solitário para resolver seus problemas; é partilhado com seus semelhantes, em uma troca de experiências e valores. Nos anos seguintes, a autora moldou melhor este conceito, comentando em outro texto que é possível dizer que a Biblioterapia admite a possibilidade de terapia por meio de textos literários haja vista que não se configura apenas como uma leitura (narração ou dramatização), mas que contempla, ainda, os comentários advindos dessa leitura nascidos das vivências do ouvinte mesclados com a interpretação das palavras do autor (Caldin, 2010).

3 A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO

Nos primeiros séculos de vida das bibliotecas, os bibliotecários eram basicamente monges e só estes designados poderiam decidir se outros monges poderiam ter acesso ao material que possuíam, já que durante a idade média, havia o pensamento de se manter soberania sobre alguns conhecimentos fazia da pessoa mais capacitada intelectualmente, fazendo com que todos trabalhassem em uma biblioteca fossem devotados e seguintes de pesadas regras (Silveira, 2008, p. 87). Tendo suas atividades caracterizadas pelo silêncio e inteligentes práticas de organização do conhecimento, o perfil do profissional bibliotecário nessa época estava diretamente ligado a essa formação do saber, desta forma, carregando uma grande influência sócio-cultural consigo. Almeida Junior (2000) ainda sustenta que as atividades destes profissionais estavam terminalmente ligadas ao ''espírito do homem'' ou seja, diretamente ligadas ao saber intelectual como cultura, educação e principalmente, o conhecimento.

Desta forma, é possível dizer que os profissionais da informação estiveram atrelados a essa necessidade erudita de ser extremamente inteligente já que eles tinham conhecimentos guardados só a eles, e desta forma eram respeitados como sábios e filósofos. Silveira (2008) enfatiza que a figura do bibliotecário (as) emerge para o grupo de profissões humanas de forma que, é responsável pela organização e salvaguarda de um patrimônio intelectual concebido ao longo dos tempos. Logo, é possível afirmar que o profissional da biblioteconomia era representado por uma figura humanista de grande poder na sociedade, representados veemente como sábios e portadores de uma grande memória, capaz de atribuir sentido e ordem a várias facetas do saber que se acumula em sua mente. A imagem do bibliotecário (a) erudito permaneceu até o final do século XIX, com a criação do primeiro curso de biblioteconomia na escola de chartes, em 1873 na França.

Esse curso planejava formar profissionais que para lidar com o constante crescimento de acervos, desta forma, respondendo às demandas das instituições que necessitavam desses profissionais capacitados. Pinto (2005) relata que através deste curso foi começado a emitir um diploma profissional, denominado de Aptidão às Funções de Bibliotecário (CAFB). Após 14 anos, Melvil Dewey fundou o segundo curso, denominado *School of Library Economy* na universidade de Columbia, sendo assim o primeiro curso de biblioteconomia dos Estados Unidos. Quanto a origem do termo bibliotecário, Pinto (2005) destaca o significado através das definições existentes na

(cc) BY-NC

época:

> No de 1951 marca o aparecimento do termo bibliotecário, proposto por Diderot e D'Alembert, e divulgado em um artigo da conhecida Enciclopédia. Nesta obra o bibliotecário é definido como aquele que é responsável pela guarda, preservação, organização e pelo crescimento dos livros de uma biblioteca. Ele pode ter também funções literárias que demandam talento (Pinto, 2005, P. 35 *Apud* Diderot; D'alembert, 1993, P. 212).

Ao fim do século XX, o bibliotecário (a) foi ganhando um novo contexto dentro de seu campo de trabalho, deixando de ser um ''guardador'' da informação e focado mais em um profissional que era facilitador da informação. Lahary (1994) em sua visão ressalta que parte dessas mudanças estão ligadas ao fato que há rupturas de paradigmas que afetam as áreas do conhecimento, e obviamente, ao bibliotecário também. O autor comenta que o mundo é economicamente, politicamente e biblioteconomicamente imprevisível, alegando que a economia é cada vez mais uma economia da informação e os profissionais da informação, sejam bibliotecários ou não, estão no centro dessas mudanças econômicas e sociais.

No Brasil, somente em 1911 o primeiro curso de biblioteconomia vem a ser instalado, pelo então diretor da Biblioteca Nacional, Manuel Cícero Peregrino da Silva, mas com seu início efetivo se dando apenas em 1915. Como outros fatos marcantes da história da biblioteconomia no Brasil, Pinto (2005) destaca que a partir de 1906, órgãos que procuravam respaldar a profissão como associações e conselhos surgiram. A regulamentação da profissão ocorreu apenas em 1959, com a portaria n° 162 do MTPS, sendo que em 1962, a lei n° 4084 foi aprovada, a qual regulamenta até hoje, o exercício profissional dos profissionais da biblioteconomia.

Assim, pode se dizer que, os profissionais passam a abraçar as tecnologias da informação que surgem em sua volta e abraçando esse contexto, passam a evoluir como profissionais cada vez mais abrangentes e menos centrado, ou seja, se antes suas ações práticas e intelectuais limitavam-se ao espaço físico de uma biblioteca, os novos usos das tecnologias da informação fazem com que os serviços informacionais transponham os limites físicos e institucionais que cerceiam seu ofício. Sendo assim, visando acompanhar as drásticas transformações culturais, políticas e econômicas que caracterizam o atual momento histórico, os profissionais da informação devem incorporar à sua ação prática habilidades, atitudes e conhecimentos que lhes propiciem os meios adequados para responder satisfatoriamente às múltiplas esferas que diariamente requerem seus préstimos (Silveira, 2008).

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza exploratória, descritiva e documental. Para sua realização, foi efetuado um levantamento de documentos sobre a biblioterapia, com ênfase em materiais que apresentassem um viés histórico da prática, destacando suas raízes, origem e evolução ao longo do tempo. Além disso, buscou-se evidenciar o papel dos profissionais da Biblioteconomia nesse contexto. A partir das referências citadas pelos próprios autores em suas obras, ampliou-se a busca por novos materiais, com o objetivo de fundamentar e estruturar o referencial teórico apresentado.

Após essa primeira fundamentação de conteúdo, a busca foi expandida a publicações em formato digital de modo geral. Para recuperação destes, foram utilizadas ferramentas como o Portal de Periódicos da Capes, o *Google* Acadêmico, assim como bases de dados como BRAPCI e repositórios institucionais de várias instituições públicas do Brasil. Para expandir ainda mais o alcance da busca, foi utilizada também a Biblioteca digital do BDTD que, ao expandir a recuperação de produção ao Brasil todo, fomenta

(cc) BY-NC

ainda mais o conteúdo para produção da pesquisa.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Como foi possível observar anteriormente, a biblioterapia foi uma área inicialmente ocupada por pesquisadores da saúde e seus respectivos setores. Apenas a partir de 1904 que a prática passou a ser considerada um ramo da biblioteconomia. Este acontecimento se deve aos bibliotecários estadunidenses da época, que começaram a se mobilizar e realizar suas próprias experiências acerca da biblioterapia, obtendo bons resultados a partir dali e observado a prática como um ramo em potencial (Caldin, 2010; Pereira, 1996).

Apesar de usar como base a literatura que é um dos pilares do trabalho de um bibliotecário, a junção da biblioterapia com a biblioteconomia ocorreu de forma gradativa e com certa relutância. Como pode ser observado a seguir, onde Abreu *et. al* (2013) destaca que houve uma certa confusão em relação a ver o bibliotecário (a) como um biblioterapeuta já que muitos autores viam estes profissionais como incapazes de realizar tal prática, principalmente a crianças, devido à falta de estudo especializado:

A definição de bibliotecário que se torna biblioterapeuta é, nos anos 60, uma preocupação crescente [...] muitos estudiosos, na sua maioria clínicos, terapeutas, médicos etc., questionam a capacidade dos bibliotecários em administrar a biblioterapia. Smith (1989) argumenta a fronteira ténue entre ajudar e arriscar em problemas emocionais profundos. Para Hynes (1987) deve haver treino profissional por parte dos praticantes. Por outro lado, Hendrickson (1988) aconselha cuidado relativamente à má interpretação dos sinais emocionais das crianças que podem provocar resultados desastrosos.Chatton (1998) contesta, apelando às diferentes reações que cada criança desenvolve no processo terapêutico. (Abreu, 2013 *et at.,* p. 107).

Devido a essa relutância, antes de receber a nomenclatura como biblioterapeuta, o profissional da biblioteconomia que trabalhava com a biblioterapia recebia várias titulações, desde ‘‘ajudante’’ até a ‘‘cuidador’’. Abreu et al. (2013, p. 107) ainda comenta que na biblioterapia o lema é servir, e a biblioteconomia está diretamente ligada a isso, principalmente pelo serviço de referência. Os autores destacam que o fato destes profissionais lidarem com todo tipo de assunto e qualquer tipo de pessoa dá vantagem para os mesmos, considerando a natureza da função bibliotecária muito mais que a visão técnica, fazendo assim com que o bibliotecário pudesse ajudar, orientar e guiar na literatura e informacionalmente de modo geral.

Apesar da demora ocasionada por diversos fatores, Leite (2009, p. 34) reafirma a biblioterapia como prática bibliotecária, alegando que a mesma expande as possibilidades de trabalho para os profissionais da área, que além de seguir seus deveres padrão como organização documentacional e de acervo, podem ser enxergados como biblioterapeutas em potencial.

Quando ainda não existiam subdivisões na biblioterapia, como desenvolvimento e clínica, os profissionais da saúde agiam em conjunto direto aos bibliotecários (as), sendo que os últimos serviam apenas de um apoio à prática direta em si. Horne (1976) destaca em seu artigo a importância das responsabilidades individuais tanto do médico quanto dos bibliotecários para o programa de tratamento. Citando a autora, Pereira (1966) destrincha essas responsabilidades, como pode ser observado a seguir:

> Ao médico caberia a responsabilidade de indicar o conteúdo da biblioteca, elaborar uma lista semanal de leituras determinadas para o paciente, registrar seus hábitos de leitura, e manter discussões com paciente sobre leituras terapêuticas. Ao bibliotecário seriam delegados: a mecânica de aquisição, manutenção e distribuição de

(cc) BY-NC

> livros, o conhecimento pessoal dos livros emprestados aos pacientes, as entrevistas com os pacientes a respeito de reações às leituras prescritas, os relatórios sobre êxitos de comentários dos pacientes com relação às leituras. (Pereira, 1996, p. 65 apud Horne, 1975).

Essa definição de apoio entre práticas biblioterapêuticas também é observada na visão de Alston (1962) onde comenta que médico deveria saber o que é o qual objetivo devia com a leitura proposta, conhecendo psicologicamente o paciente e indicando que tipo de leitura deveria ser usada para seu tratamento. Quanto aos profissionais da biblioteconomia, se deve elaborar uma listagem de materiais comuns de uso na biblioterapia, onde deve-se conhecer enredos e problemas tratados na literatura, também possuir disposição para observar e avaliar as reações ou possíveis mudanças de comportamento entre os pacientes. Já Hannigan (1962) observa o bibliotecário (a) como farmacêutico nesse processo. A autora vê sua responsabilidade ligada a preencher ordens do médico sobre suas prescrições de livros, com certa dinâmica para sugerir outras leituras que considera importantes também.

Apesar de ainda ser vista de forma extremamente limitada ainda por seus profissionais formados e consequentemente fazendo com que estes tenham uma atuação mais lenta em setores adjacentes, a biblioteconomia é uma área de mercado extremamente abrangente e com um alcance multidisciplinar significativo. Por esse motivo, Cubillos (2008) comenta que ao aplicar seu conhecimento e seguir suas próprias competências pessoais, o profissional da biblioteconomia é um potencial biblioterapeuta. No quadro a seguir, estas informações podem ser analisadas em mais detalhes:

Quadro 1 - Características essenciais para um bibliotecário humanizado

COMPETÊNCIAS PESSOAIS	CONHECIMENTOS
● Comunicação interpessoal com diversos tipos de usuários; capacidade de aprendizagem contínua; ● Estabilidade pessoal; interesse real em trabalhar com pessoas; ● Capacidade de trabalhar em equipe; empatia; sensibilidade; paciência e espírito dinâmico.	● Área de especialização; informação atualizada sobre as tendências, pautas de conduta, diretrizes e serviços; domínio da terminologia e recursos terminológicos próprios da área da saúde; recursos de informação especializada; ● Fundamentos teóricos e profissionais para o estabelecimento de serviços orientados ao usuário; critérios éticos para dar atenção de qualidade ao paciente.

Fonte: Adaptado de Leite; Cubillos (2009, p. 34)

Para definir que estas competências são essenciais, ser levado em consideração o principal espaço de trabalho dos bibliotecários (as) que são as unidades de informação, ou seja, as bibliotecas são um ambiente diretamente ligados às práticas que envolvem literaturas, e este espaço é caracterizado pela presença dos mais variados tipos de público, diversificados em diferentes idades, gêneros e classe social (Ferraz, 2018 *apud* Leite, 2009). Caldin (2010, p. 44) destaca a estabilidade emocional, boa saúde física, bom caráter, domínio de textos literários e embasamento teórico como pré-requisitos para um aplicador de biblioterapia. A autora reforça que o profissional da biblioteconomia que pretende desenvolver atividades como um biblioterapeuta deve nutrir interesse real pela prática, deixando de lado todos os aspectos técnicos que são constantemente conectados à profissão, se dando mais valia no lado humano da mesma. É muito importante estar preocupado em ser uma pessoa empática que se interesse no bem-estar do próximo,

(cc) BY-NC

estando atento ao escutar os problemas alheios, e procurando sempre ser flexível em sua metodologia, a fim de agradar todos aqueles que fazem parte do programa.

Ferraz (2018) complementa, comentando que através de análises das pesquisas na área e também com o conhecimento de estudos dos projetos que são desenvolvidos entre a comunidade bibliotecária, estes profissionais deve se manter atualizado para que assim ele possa se adaptar a prática e desenvolver um programa de biblioterapia que seja eficaz e que encontre menos contratempos durante sua aplicação. Como a biblioterapia é realizada em contato direto com diferentes pessoas, o profissional bibliotecário que a aplicar deve estar ciente que pode se deparar com algumas diversidades no caminho como possíveis desistências, pois acima de tudo, é uma atividade voluntária. Porém, cabe ao bibliotecário ter em mente que isso não significa que o projeto não esteja funcionando, pois Ferraz (2018, p. 92) ressalta que apesar de haver um grande estudo anterior a sua aplicação, trabalhar com emoções e sentimentos é sempre algo incerto. Logo, antes de considerar o projeto um fracasso é importante repensar as estratégias aplicadas, visando sempre uma melhoria para aqueles que ainda permanecem participando.

Diante de toda a evolução através da prática e a resolução da biblioterapia de desenvolvimento, Pereira (1996) destaca que bibliotecários (as) podem ser bons biblioterapeutas, o problema fica por conta de a área ser negligenciada pelas academias de biblioterapia. A autora destaca que poucas academias davam a devida importância para a prática biblioterapêutica dentre estes profissionais, fazendo com que ela continuasse centrada na área da saúde por muito tempo. A mesma sugere que se deveria inserir estudos de psicologia e literatura na educação de formação dos profissionais de biblioteconomia, assim, dando oportunidade que novas discussões sejam levantadas, e consequentemente os bibliotecários passem a ocupar lugares que sempre deveriam estar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o momento em que surgiu a necessidade de armazenar informações por meio de acervos, é possível afirmar que a biblioterapia já se fazia presente, ainda que de maneira indireta. Seja pela utilização de orações como forma de amenizar sentimentos ou da concepção de materiais presentes nos acervos como remédios ou instrumentos de cura da alma, a leitura sempre esteve associada ao cuidado humano. Entretanto, a prática percorreu um longo caminho até se consolidar como o procedimento atualmente conhecido. À medida que pesquisadores passaram a destacar a importância dos materiais de leitura e os resultados positivos obtidos por meio de práticas acessíveis a diferentes públicos, as atividades que relacionavam leitura e terapia difundiram-se pelo mundo. Com o surgimento de um embasamento científico mais consistente para a biblioterapia, especialmente a partir da década de 1940, a prática passou a conquistar maior reconhecimento profissional.

Durante seus primeiros anos de consolidação profissional, a biblioterapia restringia-se, em grande parte, ao ambiente hospitalar. Atualmente, porém, pode estar presente em diversos contextos nos quais haja necessidade de aplicação terapêutica da leitura. Nesse cenário, destaca-se a importância da atuação conjunta de diferentes profissionais, entre eles os bibliotecários. Mesmo quando a biblioterapia era conduzida predominantemente por médicos e profissionais da saúde, a presença do bibliotecário sempre se mostrou relevante. Embora esses profissionais não fossem inicialmente reconhecidos como biblioterapeutas sendo, por muito tempo, vistos apenas como auxiliares ou até comparados a farmacêuticos, historicamente desempenharam papel essencial e indispensável na prática biblioterapêutica. Suas contribuições abrangiam desde atividades de apoio, como a elaboração de listas de materiais, organização e

(cc) BY-NC

seleção de acervos, até funções mais complexas, nas quais seu conhecimento literário era solicitado e suas sugestões consideradas durante as aplicações terapêuticas.

Ao compreender a biblioteconomia como uma área essencialmente multidisciplinar, torna-se possível reconhecer que os conhecimentos estruturais desse campo contribuíram diretamente para sua ligação com as bases profissionais da biblioterapia. Embora ainda exista certa negligência institucional quanto à ampliação desse conhecimento, atualmente já se pode falar em uma biblioterapia de desenvolvimento, na qual o profissional bibliotecário assume posição de protagonismo, ainda que em colaboração com especialistas de outras áreas, especialmente da saúde. Essa mudança evidencia, de maneira ainda mais significativa, a evolução da importância do bibliotecário no contexto da biblioterapia. Sua atuação faz diferença tanto nas práticas tradicionais quanto nas contemporâneas e tende a se fortalecer no futuro, sobretudo ao considerar que a biblioteconomia é uma área do conhecimento em constante atualização diante das transformações e necessidades da sociedade.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. C.; ZULUETA, M. A.; HENRIQES, A. Biblioterapia: estado da questão. **Cadernos BAD**, n. 1/2, 2013. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/82157. Acesso em: 10 jan. 2026.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F.; VALENTIM, M. P. (org). **O Profissional da informação:** formação, perfil e atuação profissional. 1 ed. São Paulo: Polis, 2000. 156 p.

ALSTON, E. F. Bibliotherapy and Psychotherapy. **Library Trends,** Illinois, v. 11, n. 2, 1962. Disponível em: https://www.ideals.illinois.edu/items/6018/bitstreams/23423/data.pdf . Acesso em: 20 jan. 2026.

CALDIN, C. F. **Biblioterapia:** Um cuidado com o ser. São Paulo: Porto de Idéias, 2010. 199 p.

CALDIN, C. F. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 12, 2001. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2001v6n12p32/5200. Acesso em: 10 abr. 2026.

CUBILLOS, M. F. Usuarios de biblioteca com discapacidad psicquiátrica. **Série Bibliotecología y Gestión de Información,** Santiago, n. 39, 2008. Disponível em: http://eprints.rclis.org/12396/. Acesso em: 28 abr. 2026

DIDEROT, D.; D'ALEMBERT, J.R. **L'encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et desmétiers.** Paris: Flammarion, 1993, 212 p.

FERRAZ, M. N. **Introdução a Biblioterapia**. 1 ed. São Paulo: Claretiano, 2018. 119 p.

FERREIRA, D. T. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **Educação Temática Digital**, São Paulo, v. 4, n. 2, 2003. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4856320.pdf. Acesso em: 15 abr. 2026.

GUEDES, M. G.; BAPTISTA S. G. Biblioterapia na Ciência da Informação:

comunicação
e mediação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação,** Santa Catarina, v. 18, n. 36, p. 231-253, 2013. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/v/39453. Acesso em 02 jan. 2026.

HANNIGAN, M. C. The Librarian in Bibliotherapy: Pharmacist or Bibliotherapist?. **Library Trends**, Illinois, v. 11, n. 2, 1962. Disponível em: https://www.ideals.illinois.edu/items/6014. Acesso em: 20 jan. 2026.

HORNE, E. M. **A look at biblioteraphy**. Illinois: Special Libraries, 1975.

JUNG, C. G. **A prática da psicoterapia 16/1.** 16a ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013. 160 p.

LAHAY, D. Du profil de poste au métier. **Bulletin d'Informations de l'ABF,** Paris, n. 164, p. 2, 1994. Disponível em: http://www.lahary.fr/pro/1994/ABF164-metier3.htm. Acesso em: 20 jan. 2026.

LEITE, A. C. O. Biblioteconomia e biblioterapia: possibilidade de atuação. **Revista de Educação,** São Paulo, v. 12, n. 14, 2009. Disponível em: http://migre.me/g3vd7.Acesso em: 24 abr. 2026.

PEREIRA, M. M. G. **Biblioterapia:** proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas. 1 ed. Paraíba: Universitária, 1996. 105 p.

PINTO, V. B. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 31-43, 2005. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/3843/384334738003.pdf. Acesso em: 29 abr. 2026.

MARTINS, W. **A palavra escrita:** história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3 ed. São Paulo: Ática, 1998. 519 p.

OUAKNIN, M. A. **Biblioterapia.** São Paulo: Loyola, 1996. 341 p.

RATTON, A. M. L. Biblioterapia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Minas Gerais, v. 4, n. 2, 1975. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/36171/28319. Acesso em: 13 de abr. 2026.

ROBERTS, A. H. Bibliotherapy: a technique for counseling blind people. **Journal of Visual Impairment & Blindness**, Illinois, v. 78, n. 5, 1984. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0145482X8407800502. Acesso em 10 abr. 2026.

SILVEIRA, F. J. N. O bibliotecário como agente histórico: do ''humanista'' ao ''moderno profissional da informaçao''. **Informação e Sociedade: Estudos.** Paraíba, v. 8, n. 3, 2008. Disponível em: https://search.proquest.com/openview/1dfb5502d67f3f5e93cba51af94f4d7d/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2030753. Acesso em: 05 abr. 2026.

TEWS, R. M. Introduction. **Library Trends**, Illinois, v. 11, n. 2, 1962. Disponível em: http://hdl.handle.net/2142/6055. Acesso em 12 Jan.. 2026.